O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, SETEMBRO/2009 - ANO XII - Nº 152

EDITORIAL

As fortes chuvas que caíram nas primeiras semanas de setembro no Sul e Sudeste brasileiros são prenúncio do que deverá acontecer no período de verão. Mais uma vez, inundações e desmoronamentos trouxeram prejuízos e perda de vidas, tornando-se manchete nos noticiários.

Parece que o clima do planeta enlouqueceu. Neste inverno, período tradicionalmente seco, choveu muito acima do normal. Especialistas apontam que a primavera, iniciada em 21 de setembro, será chuvosa. Com o aquecimento global, algumas regiões da Terra terão seus índices de precipitação aumentados; em outras, diminuídos. As mudanças no padrão climático tornam difícil a previsão dos efeitos regionais e locais. Mesmo onde não houver aumento de precipitação, ou até diminuição do volume total anual, as chuvas serão mais intensas, individualmente. Em 2007, o relatório do "Painel Intergovernamental para Mudança Climática", da ONU, já alertava para um aumento na freqüência e na proporção do total da incidência de chuvas torrenciais.

É preciso que os municípios se adaptem às mudanças climáticas, preparando-se para ocorrências cada vez maiores desses tipos de eventos. O problema das enchentes das cidades brasileiras é estrutural. Por mais que se invista, não se dá conta de remover todas as causas das enchentes em pouco tempo: drenagem, volume de lixo nos rios e nas ruas, moradias irregulares localizadas às margens de rios e nas encostas, manutenção das galerias pluviais e das bocas-de-lobo e saneamento básico... São coisas para décadas. São obras que devem ser incluídas num planejamento de longo prazo da cidade e não em ações mitigatórias e populistas observadas nos municípios, vergonhosamente apoiadas pelos governos federal e estadual, que socorrem nas catástrofes, mas não investem nem cobram ações preventivas. Assim, todos os anos, resta-nos apenas rezar para que não chova, e se chover, as águas não causem tantos transtornos. Sobressaltados, os moradores das áreas de risco vão vivendo. Cumprir a legislação ambiental, recuperar encostas e margens de rios, remover definitivamente famílias de áreas de risco e impedir que se construa nessas áreas é um bom começo para evitar a ocorrência dos eventos nebulosos que se prenunciam.

Foto Idelmo Reis

O processo histórico de ocupação do interior do Brasil levou à destruição da Mata Atlântica. Árvores de rara beleza e endêmicas dessa floresta foram sistematicamente destruídas para o plantio do café, como mostra o desenho "Derrubada", de Rugendas, realizado entre os anos de 1822 e 1825.

O Dia da Árvore

No dia 22 de setembro teve início a primavera. Comemorou-se, no dia anterior, o Dia da Árvore: exsta data, instituída no Brasil em 1965, foi escolhida não apenas em respeito ao que as árvores são capazes de nos dar, como também em virtude de uma campanha contra o desmatamento.

Por todo o país, imensas áreas desmatadas mostram que estamos longe de conciliar desenvolvimento econômico com preservação. Para ambientalistas e pesquisadores, conscientização e ação são os aliados no combate ao desmatamento desenfreado das florestas, entre elas a Mata Atlântica que, logo após o descobrimento, teve iniciada sua destruição pela exploração intensiva e desordenada. O pau-brasil foi o principal alvo de extração dos exploradores; hoje está praticamente extinto. O primeiro contrato comercial para exploração do pau-brasil foi feito em 1502, o que tornou o Brasil conhecido como "Terra Brasilis", ligando o nome do país à exploração dessa madeira avermelhada como brasa. Outras madeiras também foram exploradas até quase a extinção: sucupira, canela, canjarana, guarandi, araribá, peroba...

Relatos antigos falam de uma floresta densa, aparentemente intocada, apesar de habitada por vários povos indígenas. Sucessivos ciclos econômicos levaram à derrubada da mata. No Vale do Paraíba, a cultura do café, no século 19, foi a principal responsável pela destruição da mata nativa. Os remanescentes de Mata Atlântica situam-se principalmente nas serras do Mar e da Mantiqueira, de relevo acidentado. Um aspecto importante a se considerar é que a Mata Atlântica tem alto índice pluviométrico devido às chuvas-de-encostas causadas pelas montanhas, as quais barram a passagem das nuvens.

É comum pensarmos na complexidade do bioma Mata atlântica, pelo aspecto de sua fauna e flora, mas o elemento fundamental para a existência da biodiversidade é a água. E se a água é essencial para dar vida a esse bioma, suas florestas têm papel vital para a manutenção dos processos hidrológicos, que garantem a qualidade e o volume dos cursos d'água.

Por se encontrar inserido dentro do bioma Mata Atlântica, Piquete detém importantes remanescentes florestais na região da Serra da Mantiqueira. Tem, portanto, grande responsabilidade na sua preservação para as gerações futuras.

Nos últimos anos, por meio de projetos de revegetação de matas ciliares, a Fundação Christiano Rosa plantou em torno de cinqüenta e cinco mil mudas de mais de noventa espécies de mata atlântica na microbacia do Ribeirão da Limeira. Esse trabalho faz parte de um projeto pioneiro de formação de um corredor de conectividade entre a APA da Mantiqueira e o Paraíba do Sul. Paralelamente ao plantio, a Fundação vem se empenhando num trabalho contínuo de educação ambiental.

Muitos pensam que a árvore símbolo do Brasil é o pau-brasil, em razão do nome. Este título, porém, cabe ao ipê-amarelo, uma das cores que representa nosso país e que neste mês colore nossas matas.

Imagem - Memória

Foto arquivo Pro-Memória

A largada da corrida ciclística de São Miguel de 29/09/1950 ocorreu na Praça da Bandeira. Percorreu a rua Com. Custódio, passando pela Estação da Estrela, Pça. Duque de Caxias, ruas Mestre Targino Cunha e Cel. Almir, retornando à Praça. O vencedor foi "Zito", que recebeu como prêmio uma bicicleta.

A Festa de São Miguel Arcanjo

Não sabemos precisar quando a devoção a São Miguel chegou a Piquete. Sabemos que em 1864 a comunidade piquetense se organizou e, por meio de uma petição, conseguiu de D. Sebastião Pinto do Rego, bispo de São Paulo, autorização para a construção de uma capela sob a invocação de São Miguel, no bairro lorenense do Piquete. Em março de1875, foi criada a Freguesia de São Miguel do Piquete, primeiro passo para sua emancipação à condição de Vila, o que ocorreria em 7 de maio de 1891.

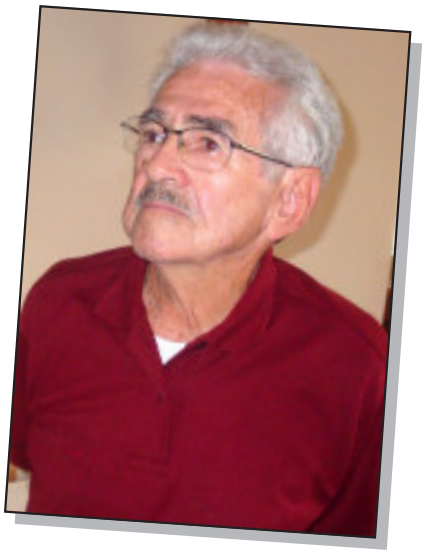
Com a elevação da Vila à categoria de cidade, em 19 e dezembro de 1906, São Miguel foi declarado seu padroeiro, ficando estabelecido o dia 29 de setembro para as comemorações. A partir de então, tradicionalmente, logo nos primeiros dias de setembro, a população se mobilizava. A proximidade da festa era notada pelo aparecimento de rifas e jogos esportivos em benefício das obras da igreja. Corriam a cidade moças arrecadando prendas ou vendendo rifas de diferentes objetos, a fim de angariar fundos. Com a mesma finalidade, eram afixados no comércio programas de jogos de futebol entre o Esporte Club Estrela e o seu principal adversário, o Esporte Club Hepacaré, da vizinha cidade de Lorena. Também eram distribuídos cartazes conclamando para a tradicional Corrida Ciclística de São Miguel. No decorrer do mês de setembro, sob a supervisão dos festeiros, as preparações se intensificavam. Por volta do dia 20, iniciava-se a quermesse em benefício da festa. Essa quermesse, ansiosamente esperada ao longo do ano, era a sensação da temporada e atraía muitas crianças para as barraquinhas, com rifas de coelhinhos, pescarias etc. A criançada vibrava com o "porquinho-da-índia" que, assustado, se refugiava em uma das casinhas numeradas, para alegria do portador do bilhete de mesmo número. Mas, o que fazia o movimento diário era a presença dos jovens que, na quermesse, encontravam ambiente agradável. Havia, também, um serviço de alto-falante que noticiava fatos sociais de interesse da população. Por meio das músicas que ofereciam, os rapazes se declaravam às moças, e vice-versa. Dessa maneira, muitos relacionamentos e novas famílias eram iniciados. Essas quermesses eram concorridas. Aconteciam após a novena, que, cada noite, era abrilhantada por um orador convidado. No dia da festa, 29 de setembro, a população acordava com foguetes e pela Euterpe Piquetense, que percorria as principais ruas da cidade. A FPV determinava ponto facultativo aos seus operários que, em grande número, compareciam, com seus familiares, para participar da missa solene celebrada pelo bispo diocesano. Esse dia era marcado, também, pelo regresso dos filhos de Piquete que estudavam ou trabalhavam em outras cidades. Vinham passar o dia com seus familiares. Num ambiente de alegria, em cada casa saboreava-se um almoço especial. À tarde, em torno das 13h, ocorria a disputada prova ciclística "Cidade de Piquete", concorrendo atletas não somente do município, mas de vários pontos do Vale do Paraíba. As calçadas ficavam cheias de pessoas para assistir ao espetáculo e eventuais tombos. Terminada a prova e entregues os prêmios aos vencedores, as pessoas retornavam às suas casas, para se preparar para a procissão. Dessa maneira, a partir das 16h, as famílias, elegantemente trajadas, se dirigiam à igreja Matriz. Era notória a afluência de moradores dos bairros rurais. Muitos chegavam pela madrugada e se hospedavam com amigos e parentes. Da procissão participavam Irmandades, Congregações, Cruzadas Eucarísticas, estudantes, soldados do Contingente, a Banda de Música e a população em geral. O andor do padroeiro era, muitas vezes, conduzido pelo prefeito, delegado, vereadores, oficiais da FPV e pessoas de destaque na sociedade. Após o andor, vinha o bispo diocesano, acompanhado pelos festeiros. Com o término da procissão e as bênçãos de São Miguel, o último dia da quermesse estendia-se até altas horas. Havia um baile comemorativo que rompia a madrugada. No dia seguinte, os festeiros contabilizavam os lucros e prestavam contas ao vigário. Por muitos anos, foi assim que os piquetenses festejavam seu anjo protetor, São Miguel Arcanjo.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.
Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Bavéio



Conhecido por toda a cidade como Bavéio, Benedito Soares da Costa nasceu em Delfim Moreira, a 27 de outubro de 1928, filho de Aristóteles Soares da Costa e Maria José de Assis Soares. Fez seus primeiros estudos nas Escolas Reunidas de sua cidade natal. No final de 1943, mudou-se para Piquete, onde cursou aulas preparatórias para a Escola Industrial Masculina da Fábrica ministradas pelos professores Leopoldo Marcondes de Moura Netto e Paulo Canetieri. Aqui, morou na casa de n° 155 da Vila Duque, com os tios Odilon Soares e Risoleta Costa, até o ano de 1954. "Saí de lá para casar". Na Vila Duque, foi vizinho das famílias de Godofredo Bittencourt, Hermógenes Junqueira, Ildefonso Botelho, Raul Alagão, Geraldo Meirelles, Prof. Laércio de Azevedo, Ariovaldo de Miranda – foram muitas as amizades iniciadas e sedimentadas...

Conta-nos que ganhou o apelido de "Bavéio" no primeiro dia de aula da Escola Industrial, em 1º de março de 1944: estando todos os alunos respondendo à chamada, "apresentei-me pelo nome e cidade de origem". Eis que Benjamin Faria, colega de turma, gracejou dizendo que não... Alegou que ele era de Itajubá Velho, que, por pilhéria da classe, acabou Itajubá Veio... Daí para Bavéio foi um pulo...

Bavéio diz que o período de estudos na Escola Industrial foi um dos mais felizes de sua vida. Tinha aula teórica pela manhã e prática à tarde. O diretor era o professor Augusto Ribeiro de Souza. Entre os professores, cita Ozires, de Português, Paulo Canetieri, de Matemática, Elvécio, de Geografia, Willi Viéti, de Técnicas de Oficina, Laércio de Azevedo, de Tecnologia/Cálculo e Desenho, Antônio Vianna, de Ajustagem de Máquinas, Alcides Leite e Gentil, de Marcenaria... Formou-se em dezembro de 1947, numa cerimônia no Cine Estrela, que teve como paraninfo o tenente coronel José Pompeu Monte. Seu diploma atesta "Artífice em Mecânica de Máquinas". Cita todos os dezesseis colegas de turma: Paulo Gil, Nelci Damico, José Theóphilo, Cícero Guedes, Jesuíno de Souza, José Palmyro, Jacob Meyer, Ernâni de Carvalho, Dario Viana, Antônio Peixoto, Benjamin Faria, Oscar Ferreira, José Gulo, Vicente Rodrigues, Isaac dos Reis e Ari Macedo.

Em 1º de março de 1948 apresentou-se na FPV, para o major Licínio Victor Lucas, chefe da Terceira Divisão (Manutenção). Lá havia dois Mestres: José Isaltino da Luz, Mecânico de Máquinas, e Garibaldi Clímaco Pereira, Mecânico de Ajustagem – passou a trabalhar sob a supervisão de Juca Luz. Na Mecânica ficou até sua aposentadoria, em janeiro de 1974. Bavéio afirma ter como exemplo de homem o major Monte: "naquele tempo, não havia uma criança perambulando pelas ruas de Piquete. O major Monte as levava todas para a escola – ele fez de muita criança gente!" Após a aposentadoria, trabalhou ainda por 22 anos na J.Armando.

O namoro com sua esposa, Terezinha Ribeiro, iniciou-se em 8/fev/1952, em Delfim Moreira. Casaram-se em 27/abr/1954 e têm dois filhos, seis netos e três bisnetos.

"Acompanhei o crescimento de Piquete", conta Bavéio, "afinal, são 65 anos nesta cidade". "Na minha chegada aqui, o movimento da cidade era grande, a Fábrica contava aproximadamente com três mil operários. Não havia as vilas Célia, Céleste e Christiana... Não havia o 'Morro do Querosene'... Eram pouquíssimas as casas no alto da Caixa D'água... A Praça Duque não existia". Cita ainda que ouvia as explosões das pedreiras para a abertura da estrada para Itajubá: "muitas vezes, eu e alguns amigos saíamos do Industrial à tarde e a pé íamos para Delfim Moreira, para os bailes. Era uma festa!"

Bavéio representa muito bem o exemplo da atração que Piquete exerceu em muitos que para cá vieram em busca do trabalho. Com o tempo, tomados de amor pela cidade, e, apaixonados, por aqui ficaram, formaram família e tornaram-se piquetenses de coração.

Professor Pedro Mazza e alunos da Escola Industrial Masculina.

Fotos arquivo Pro-Memória

Patrimônio histórico-cultural de Piquete

A essência de Piquete não é simplesmente seu território e o povo que o tem habitado. Apenas nossa área jurídica, com a beleza da muralha serrana da Mantiqueira nos abraçando e suas lindíssimas paisagens, aliada aos conterrâneos que aqui habitam, não representa efetivamente Piquete.

Os traços do caráter piquetense encontram-se no que foi produzido material e espiritualmente desde seus primórdios, e que permaneceram. O respeito ao produzido pelos nossos predecessores é que, unindo os piquetenses de hoje aos que nos antecederam – natos ou originários de outras plagas –, em realidade, certifica e assegura a existência nossa.

O que podemos denominar patrimônio histórico e artístico de Piquete representa porção muito notável e significativa. Tudo que restou dos bens materiais móveis e imóveis aqui gerados pelos nossos antecessores, com valor de produtos eruditos ou populares – construções urbanas e rurais, crenças, símbolos, folclore, tradições, música, fotografias, artesanato... –, são nossos documentos de identidade. Todavia, nós os estamos perdendo. O progresso, o descaso, a insensibilidade, isolados ou interligados, aos poucos corroem o patrimônio e a memória da cidade.

Nos últimos anos, várias pessoas idealistas, sem qualquer tipo de interesse, órfãs de apoio oficial, vêm, alicerçadas apenas no acendrado amor a Piquete, resgatando seu passado, num trabalho árduo, por meio de documentos, registros de velhos jornais, recolhimento do folclore, utensílios e modo de vida, imagens do passado através de fotografias, dramas e alegrias, em pesquisas orais... Muita coisa está sendo conseguida.

A Fundação Christiano Rosa alia-se a esses idealistas, já que tem como um de seus principais objetivos trabalhar em prol da preservação de nosso patrimônio histórico-cultural.

Nota da Cidade

Aconteceu no dia 17 de setembro a inauguração da sede do Conselho de Segurança de Piquete (CONSEG), à rua major Carlos Ribeiro, antigo Destacamento Policial. Em comemoração, aconteceu, no Salão Luiz Vieira Soares, uma palestra proferida pelo delegado, Dr. Cabett, sobre o CONSEG. A noite contou, ainda, com uma homenagem ao Destacamento Policial pelos Correios, por meio do lançamento de um selo comemorativo, e um animado coquetel. Entre os presentes, destacaram-se três presidentes de CONSEG de cidades vizinhas. A Fundação Christiano Rosa deseja ao CONSEG profícuos trabalhos.

Carta aberta para Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Dóli de Castro Ferreira

Caro amigo,

Li com prazer sua matéria no **O Estafeta**, julho de 2009, p.7, e apreciei o tratamento dado ao tema epistolar. Realmente este é dos mais caros entre os humanos, porque expressa sentimentos entre as pessoas, e, como tal, as revela.

Achei interessante a contextualização apresentada sobre Vincent Van Gogh em cartas ao irmão, e também as tendo lido, concordo com sua avaliação. Não menos o que anotou em referência a Barral, cuja memória foi recentemente levantada por Mary Del Priore, em obra de leitura agradável e fundamentada em pesquisas. Afinal, ela é reconhecida historiadora e autora. E outras citações de cartas que o articulista demonstrou para ilustrar seus argumentos. Daí ter "chegado a Piquete" e ao **Estafeta**, no qual gostamos de ver estampados nossos pensamentos e pesquisas. Pois bem. Devo confessar que também sou grande admiradora de cartas e as escrevo sempre, seja como portadoras de opiniões, seja em resposta às que me são dirigidas.

Acho que os leitores devem mesmo se manifestar. Enriquecem o conteúdo, exercendo a crítica.

A rapidez salientada nas atuais comunicações realmente nem se compara àquelas em que o mensageiro, ou seja, o estafeta, levava para atingir o seu destino e fazer chegar de longe a boa ou má notícia, e mais o calor da amizade ou a insídia da dúvida, ou a preparação de um possível casamento, ou as juras de amor, ou o rompimento, a saudade, a necessidade de expressar as dores e os júbilos. Toda a gama do extrato humano.

Entre as várias publicações sobre correspondência que tenho lido, uma das mais caras é a da escritora Clarice Lispector, a quem admiro e cultuo, (Org. de Teresa Montero, Editora Rocco, 2002).

Clarice expõe o lado humano denotado nas 129 cartas publicadas, das quais a organizadora apresenta 70 contendo mensagens pessoais ativas e 59 do campo pessoal passivo, isto é, recebidas dos familiares e amigos. O total abrange dois períodos de quatro décadas. O primeiro, de 1940 a 1950, refere-se às diferentes residências de

Clarice Lispector

Clarice: no Rio de Janeiro, em Belém, Nápoles, Berna, Torquay e Washington, casada que era com o embaixador Maury Gurgel Valente. O segundo período, de 1960 a 1970, corresponde ao do local de residência finalmente fixado por ela no Rio de Janeiro.

O tom coloquial percorre grande número delas – aliás, entre amigos é este o utilizado. É particularmente o caso da carta de Maury Gurgel Valente, à página 18, datada de 5 de janeiro de 1942. Depois de algumas considerações amorosas, diz no final, "aviso aos leitores: perigo de vida – esta carta está cheia de má literatura". Seguem-se outras cartas bastante interessantes. Chamou-me a atenção uma carta de Clarice para Getúlio Vargas (3/6/1942), em que ela, declarando-se jornalista, ex-redatora da Agência Nacional (DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda) e, em seguida n'A Noite, e acadêmica da Faculdade Nacional de Direito, solicita um ano de prazo de permanência no Brasil, russa que era de nascimento, para providenciar a naturalização. Alegando não falar russo, somente português, idioma no qual manifestava "seu sistema de vida". Segundo seu argumento, era somente em português que "falava e pensava". Além de que, "era seu desejo casar-se com brasileiro e ter filhos brasileiros" – ênfase da própria autora. Alegava suas diferentes participações na vida nacional e nos eventos da era Vargas, nos quais prestou serviço espontaneamente, segundo seu ponto de vista. Declara, ainda, ter estado ao lado do presidente na comemoração do 1° de maio, dia do Trabalho e, como recompensa expressa, o desejo de ser reconhecida como brasileira. Conclui: "A assinatura de V. Exª tornará de direito uma situação de fato". Acrescenta, "um dia saberei provar que não a usei inutilmente".

Uma segunda carta segue-se a essa, (23 de outubro de 1942), com maiores esclarecimentos pessoais e respondendo aos motivos alegados por Vargas pela demora de estrangeiros em solicitar as respectivas naturalizações. Cartas, enfim, para cotejarmos o período histórico e as dificuldades da época; daí ter Clarice enviado cartas pessoais ao presidente além do necessário requerimento burocrático.

Várias cartas nos permitem reconhecer outras questões: além das nacionais, as internacionais, sobre eventos culturais do mundo das artes, da moda, e, principalmente, da literatura. Algumas são fac-similes com a caligrafia e a assinatura de Clarice e outras de Maury Valente. Enfim, a leitura é saborosa e o desfilar das observações nos expõe Clarice como escritora e como pessoa notável, além de cordial.

Estendi-me nos comentários porque a sugestão da leitura do articulista foi sedutora, e cartas são, realmente, espelhos da alma humana, sob a iluminação espiritual.

Acrescento minhas saudações.

****

Miguel: Império do Bem

O caminho que vai da letra à pratica da lei é muito longo, tortuoso e empedrouçado.

Temos os olhos e os ouvidos incessantemente alertados para a necessidade de educar a juventude para a justiça. Mas o que veem e ouvem os nossos jovens se coloca frontalmente contra o que ensinam pais, professores e mensageiros das religiões.

Um dos atos mais grotescos a que nossa juventude assistiu foi o enforcamento de Saddam Hussein. O presidente iraquiano era um soldado. Segundo suas próprias palavras, tinha o direito de morrer por fuzilamento. Mas a simples morte de Saddam Hussein não bastava para os seus juízes. Era necessário envolvê-la em opróbrio.

Outras cenas que confundem nossa juventude são ofertadas pelas notícias da revolução do norte de Uganda. Os revolucionários escolhem os rapazes mais destros e fortes para compor a tropa e matam seus pais, avós e irmãos – exterminam as aldeias.

Será possível haver uma razão suficientemente poderosa que leve esses jovens a se convencer de que devem obedecer a seus chefes militares?

Sabemos que Saddam Hussein alimentava um grande ódio aos iranianos, que chamava insistentemente de persas para que não fossem confundidos com os árabes.

Mas, que responderia Saddam se lhe perguntássemos: quem foi maior? – quem edificou o monumento ao gênio humano que foi a cidade de Persépolis ou quem a destruiu?

O perigo representado por Saddam Hussein justificava o esfacelamento do Iraque, o sacrifício dos soldados americanos e a morte do grande orgulho da nação brasileira, que foi Sérgio Vieira de Melo?

Os legisladores, os juízes, os governantes e os arautos das religiões devem purificar com brasa seus lábios antes de dizerem: "Não matarás!"

Miguel, na cultura judaico-cristã é o limite entre o bem e a ausência do bem.

Em pé e de pé na fronteira, Miguel exercita o zelo de guardar para os filhos de Deus a Lei que não pode ser rasgada ou pisada.

Os pais de Piquete escolheram Miguel como baluarte para que o bem criasse raízes no seu pedaço de chão.

Nossos jovens estão atentos esperando nossas diretrizes e, sobretudo, nosso exemplo.

Fitemos Miguel para guiarmos os jovens de Piquete. Encurtemos e aplainemos para eles o caminho do bem.

Abigayl Lea da Silva

****

Avaliação da escola: o que sabemos dos resultados?

Nos anos 90 tivemos dois grandes avanços na educação brasileira: o acesso à escola para "todos" e a disseminação da cultura de avaliar por meio de indicadores objetivos.

O primeiro parece andar bem. Mas, quanto à cultura de avaliação..., temos avanços, e também entraves.

Essa cultura avaliativa deu-se por meio do desenvolvimento de um amplo sistema de informação e avaliação. Temos, hoje, no sistema brasileiro de educação, em pleno funcionamento e com efetivos resultados, por exemplo, o Censo da Educação Básica e da Educação Superior; o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB; Prova Brasil; Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB; Exame Nacional do Ensino Médio, entre outros.

Esse sistema de informação e avaliação nos auxilia na construção de um diagnóstico da qualidade da educação brasileira. O SAEB e Prova Brasil nos indicam, por exemplo, que 30,3% dos alunos não sabem ler e escrever na 4ª série e que 42,0% dos alunos não dominam as operações matemáticas básicas na 8ª série.

A instalação desse sistema foi fundamental para o avanço da educação brasileira. Por meio dele criou-se a cultura avaliativa e a possibilidade de diagnosticar os problemas de aprendizagem. Tornou-se possível ainda a comparabilidade de resultados, a disseminação de dados e informações que subsidiem a definição de políticas públicas, a vinculação de repasses de recursos públicos e muito mais.

Embora se reconheçam os efeitos positivos desse modelo de informação e avaliação, comprovados em especial pelas experiências de sucesso em educação no mundo inteiro, no Brasil temos alguns entraves. Sérios entraves!

E o maior entrave está no espaço da escola, pois um grande número de escolas e professores desconhece os resultados das avaliações e não fazem nenhum esforço para conhecê-lo. Com isso, há um baixo aproveitamento dos resultados para que se melhore a qualidade do ensino.

Além disso, temos ainda as resistências corporativas que teimam em atacar e contrariar a consolidação do sistema avaliativo, o que, lamentavelmente, pode causar um retrocesso no sistema como um todo, colocando-nos à margem dos modelos de educação de qualidade. Comprovadamente, não é possível se traçar metas de educação sem dados e informações confiáveis e que se baseiem em indicadores objetivos.

Outro entrave está na própria sociedade. De maneira geral, somos negligentes, pois não cobramos resultados.

Muito bem, finalizo repetindo o que venho insistentemente alertando: as soluções para a educação não são necessariamente caras. Uma delas é aprender a fazer um diagnóstico pontual do ensino, e isso o atual sistema avaliativo possibilita. Não nos custará nada, é preciso apenas vontade e envolvimento de toda a comunidade escolar.

Laura Chaves, em setembro de 2009

Independências reunidas

Visitei Paraty, no Rio de Janeiro, neste mês da Independência de nosso país. Com suas ruas sinuosas e estreitas, calçamento com pedras pé-de-moleque, sobrados e igrejas do período colonial e da época do Império Brasileiro, a cidade foi tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1958. Em 1966, foi convertida em Monumento Nacional. Entre outros tesouros históricos, lá podemos conhecer, por exemplo, uma casa que pertence a Dom Joãozinho de Orlêans e Bragança, da família imperial brasileira. À porta de entrada, um brasão em bronze assim o sinaliza.

Fiquei em terras "paratyanas" por cinco dias. Hospedei-me em um "hostel", ou seja, um albergue para mochileiros. Não poderia ter escolhido melhor: tendo viajado sozinho, a experiência de um quarto compartilhado com mais cinco pessoas foi única. Nas acomodações do "hostel", conviviam várias nacionalidades, tendo sido eu o único brasileiro por três dias, considerando-se aí os donos e os funcionários. Alemães, holandeses, irlandeses, flamengos, neozelandeses, australianos, ingleses, franceses, italianos, russos, norte-americanos e argentinos formavam uma ONU em que todos partilhavam os mesmos objetivos... Mochileiros que estão na estrada há sete anos, jovens recém-saídos do equivalente ao nosso colegial, que iniciavam uma viagem pelo mundo, de 12 meses, casais em férias, participantes de um seminário de Física Quântica... Todos esses se encontraram no Misti Chill. E o mais importante: conheceram-se, intercambiaram culturas, idéias, opções e conhecimento, e travaram novas amizades. Diferentemente de Babel, os vários idiomas aqui servem para aproximar. A necessidade de se entrosar derruba as barreiras que vocabulários desconhecidos possam impor. Preconceitos? Nenhum. A diversidade é respeitada e até incentivada. Desapego, companheirismo e fidelidade pude observar em uma franco-russa que está "na estrada" há mais de cinco anos: formação superior, fluência em sete idiomas, com residências na França e na Rússia, compartilha o dormitório do Hostel com outros funcionários. Dividem espaço, confidências, necessidades, alegrias...

Igreja Matriz, construção iniciada em 1786

Fotos Laurentino G. Dias Jr.

Influenciado pelo clima colonial, fiquei analisando que muitos dos países de origem dos hóspedes foram colônias e tiveram suas riquezas expatriadas por impérios poderosos. A Irlanda, membro da Grã-Bretanha, ainda se questiona sobre sua independência total. Em alguns, nem sempre a diplomacia foi suficiente para a independência. Hoje, nações soberanas, direcionam-se, por irônico que seja, para uma administração comum, como no caso da Comunidade Européia. Aproximam-se novamente...

Paraty espelha o clima do "hostel". Turistas estrangeiros são maioria numa cidade, pode-se dizer, cosmopolita. A cidade agrega a simplicidade dos séculos passados com o luxo exigido por alguns turistas; nela convivem harmoniosamente o "bixo-grilo" e turistas de todas as idades e partes do Brasil e do mundo, das mais diferentes classes sociais. Entre donos e funcionários de lojas, bares e restaurantes, muitos também são de fora do Brasil. Falam, porém, o Português e outros dois idiomas, no mínimo. Diversas residências do centro histórico pertencem a europeus que passam férias por lá. Domínio estrangeiro? De forma alguma. Ao contrário, é uma reunião de independências. E em perfeita harmonia... O encantamento com o Brasil é fato: todos relatam o amor pelo clima, pela cordialidade, pelas belezas naturais. Não desconhecem, no entanto, nossas dificuldades. É consenso que o brasileiro é muito passivo e deveria se unir para reverter a situação.

Setembro de 2009: 187 anos de Independência brasileira. As mesmas diferenças que havia séculos provocavam rompimentos e segregações hoje unem nações e tornam harmoniosa a convivência entre povos que querem mais é se amar e compartilhar o que for possível. Viva as independências reunidas!

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

****

Casa de D. Joãozinho de Orlêans e Bragança

Crônicas Pitorescas

Cientificação

Palmyro Masiero

Uma notícia dada, indiferentemente, por certa, considerada pelo informante como de segunda categoria, entre todas que me pôs a par do mundo da minha cidade natal, deixou-me meditativo. Entre as que com entusiasmo contava, ela veio de cambulhada, mas parecendo uma notícia de rodapé de última página:

– Mataram o Manecão com três tiros!

Teria parado aí a manchetinha não fora meu interesse pelo acontecimento. Tinha-se entregado à bebida e tornara-se o valentão da cidade. Sempre metido em arruaças, por diversas vezes tinha ido preso. Houve um entrevero num botequim, muitos brigaram, com o Manecão à frente, e não se sabe quem disparou um revólver atingindo-o por três vezes. Morreu na hora e o corpo foi abandonado na rua, onde a polícia foi encontrá-lo. Sua morte tinha sido considerada como grande benfeitoria a todos, em resumo. Esta a notícia levada mais a fundo por minha curiosidade.

Conheci o Manecão apenas um ano. Ele viera do sul de Minas Gerais e fizemos juntos a quarta série primária. No ano seguinte, mudei-me de cidade e nunca mais o vi. E o que me faz lembrar tão bem dele a ponto de, passados tantos e tantos anos, me deixar melancólico? Simples. Vejam: tínhamos na época uns doze anos de idade. Ele, por volta de um metro e setenta por aí, corpanzil de homem, destoava inteiramente da arraia miúda que éramos o resto. Embora fosse a Torre Eiffel da escola e eu o alicerce da dita cuja, nos dávamos muito bem. Creio ter sido o único amigo de confiança dele. O que me era muito confortante, pois quem teria coragem de se meter comigo com um guarda-costas daquele como ensombro.

Reclamava-me sempre de sua marginalização. Na escola não podia brincar com a turma, pois era muito grande para estar no meio da pirralhada. No bairro era proibido divertir-se com os do seu tamanho, já que era muito criança. Vivia assim, em isolamento, criando um mundo onde só ele participava. Achavam-no estranho, introspectivo. Andava sempre só.

Na sala de aula era desligadão. Sentava-se na última carteira, por motivos óbvios. A professora precisava falar pelo menos umas três vezes seu nome para que respondesse "presente". Aquela enorme massa estava ali, ele provavelmente em Minas ou onde só Deus sabia. Dava umas duas alturas da professora, já idosa, coque na cabeça, óculos sempre pendurados na metade do nariz adunco. A "fessora" ficava realmente encabulada com suas adições. Não conseguia fazê-las pelo método normal, ou seja, adicionar primeiro as unidades, depois as dezenas, centenas etc... Fazia inversamente e acertava sempre.

Era inteligente, espirituoso e perspicaz. Talvez como defesa, a tudo ironizava. Lembro-me de que na festa de formatura quase matou o Diretor e o corpo docente de embaraço. Naquele tempo, era solene a conclusão do curso primário. Após a missa campal, eis-nos, todos uniformizados, limpinhos, sentados nos bancos da frente do galpão, aguardando a composição da mesa que dirigiria a solenidade lá do palco. Abertura com o Hino Nacional, a fala do Diretor, do paraninfo, orador das turmas, recitações, entrega de medalhas aos primeiros alunos e, finalmente, a chamada nominal de cada formando. Conforme eram chamados, aguardavam a madrinha – geralmente as mãezinhas orgulhosas: subiam ao palco, recebiam o canudinho verde contendo dentro o tão almejado diploma e apertavam mãos que não acabavam mais. Desciam pela escada contrária, beijos na madrinha e garbosos retornavam ao primitivo lugar.

Não se sabe de onde tirou ou como surgiu aquilo, mas na hora de descer do palco, juntamente com sua mãe miudinha, Manecão apareceu com um enorme cartucho de quase um metro de comprimento, segurando-o bem ao alto da cabeça. Foi uma só e sonora gargalhada de todos os presentes. Dificílimo ao condutor dos trabalhos foi fazer voltar à respeitabilidade aquele ambiente pomposo.

Entre as pequenas lembranças que tenho do Manecão e o triste final de sua vida, longo tempo foi percorrido... Levo-me a crer que seu insulamento na infância veio transformá-lo num desconvizinho do mundo, e, por desafronta, desrespeitou-o, enxovalhou-o...

Acesse, leia e divulgue o informativo da Fundação Christiano Rosa

"O ESTAFETA"

www.fundacaochristianorosa.cjb.net

O céu debaixo dos meus pés

Edival da Silva Castro

Nas madrugadas calorentas de céu estrelado e luar, costumava pular a janela do meu quarto e sair perambulado pelas ruas desertas da cidade.

Às vezes, debruçava-me no peitoral duma ponte e ficava um tempão contemplando a luminosidade dos astros espelhada nas águas do rio. Embevecido, achava que o céu estava ali, pertinho de mim, debaixo dos meus pés.

Tinha vez que me sentava num banco de praça e, de olhar fixo no firmamento, passava a contar as estrelas. A estrela d'Alva, as Três Marias e o Cruzeiro do Sul eram referências de noites esplendorosas.

Quando via uma estrela mudar de lugar, fazia um pedido: pedia prosperidade para os amigos, saúde para meus familiares.

Certa vez, a voz nostálgica de um seresteiro acompanhada pelos acordes de um sonoro violão quebrou a quietude da madrugada. Achei legal, pois a música tem poder de alegrar e abrilhantar qualquer situação: o céu me parecia risonho, as estrelas piscavam graciosas, a brisa suave trazia até mim o perfume da dama-da-noite e a luz prateada do luar emaranhava-se nos meus cabelos castanhos.

Somente voltava pra casa quando o sol começava foguear o horizonte e o brilho das estrelas aos poucos ia se apagando.

O que é a Pátria?

Tu talvez jamais tenhas pensado no que é a Pátria. Pátria é tudo que te envolve, tudo o que te criou e te alimentou, tudo que amaste, este campo que vês, estas casas, estas árvores; estas jovens que passam ali rindo são a pátria. As leis que te protegem, o pão pago por teu trabalho, as palavras que tu trocas, a alegria e a tristeza provenientes das coisas ou dos homens entre os quais vives são a pátria. O quartinho onde outrora viste tua mãe, as lembranças que ela te deixou, a terra em que ela repousa são a pátria. Tu a vês, tu a respiras em todos os lugares. Imagina os direitos e os deveres, as afeições e as necessidades, as lembranças e os reconhecimentos; reúne tudo isso numa palavra e esta palavra será a pátria.

Extraído do livro "Um filósofo sob os telhados", de Emile Souvestre (15/04/1806 - 05/07/1854)

As imagens e seus conceitos

Dóli de Castro Ferreira

A atual matriz de São Miguel Arcanjo em sua forma moderna foi modelada por Prometheu da Silveira, arquiteto que opôs uma forma contrastante à da antiga sede paroquial. A concepção arquitetônica deu-se integrada a uma idéia na qual se harmonizavam piso, teto, colunas de sustentação, cúpula em cúspide piramidal, vidros das janelas de entrada de ar e luz, altar-mor no presbitério bem amplo, disposto entre a nave e as capelas, mais a saída da sacristia. Um tetraedro é a figura geométrica na qual esses elementos se conjugam. A pintura das paredes internas e externas combinava-se ao conceito básico criado na prancheta de Prometheu, com empenho nos detalhes, na força, na leveza e nas retas revolucionárias em equilíbrio, para sintonizar-se com a paisagem do entorno, tendo ao fundo os picos elevados da Mantiqueira antecipados por um mar de morros. Ângulos agudos para facilitar o escoamento das muitas águas das chuvas. Nos verdes de tonalidade musgo dos vidros dos janelões, o contraponto das matas de altas árvores e densidade dos conjuntos florestados.

Para a decoração foram escolhidas as imagens do artista plástico Antônio Cesar Dória, colocadas nas laterais do presbitério indicando a nova concepção anunciada na forma geral. São Miguel, Nossa Senhora e São José, em gesso branco ascético, a provocar uma revolucionária contraposição à idéia tradicional de representação européia de imagens a que o povo estava acostumado. No espaço sagrado, o anúncio de um modelo totalmente novo para ser assimilado. Provocante, sem perder a razão de ser – invocar o transcendente.

A forma geral das imagens representa-se como uma amêndoa, ou seja, ao que no mundo artístico da imageria é designado como uma mandoria (da palavra amende, do francês, para significar amêndoa). Símbolo da transcendência e também da vitória sobre a morte. Forma usada para esculpir em pedra as imagens sacras.

Pois bem. Motivações alegadas pelo padre Severino Cícero Ferreira, quando pároco em São Miguel, levaram a modificações sintomáticas no templo. Os móveis do Altar-Mor e capela do Santíssimo foram substituídos pelos confeccionados em madeira maciça lavrada e esculpida por artesão mineiro. Um conceito barroco associou-se ao modernista ali instalado. A imagem central de São Miguel, esculpida seguindo a representação barroca, substituindo a anterior, foi encerrada em um nicho sobreposto à mesa sacrificial. Por sua vez, a imagem moderna do padroeiro, simbolizada por Dória, foi levada para a parede externa, frontal. Nas entradas, os dois portais também foram modificados tornando-se mais pesados do que os originais. Ornados de cruzes, alteraram a forma pela qual os anteriores eram vistos.

Os vidros das janelas foram substituídos por vitrais decorativos com temática narrativa da intervenção dos anjos na aventura humana, segundo os relatos bíblicos. As cores mais claras do que as dos vidros originais pretendem colocar mais luzes no templo. Iluminados pelos raios solares ou pelas luzes dispostas no interior, nos lustres e luminárias refletem as composições: durante o dia, internamente, e à noite, externamente. São vitrais em sintonia com uma plasticidade diferente daquela que é simbolizada nas ogivas medievais. Procuro aqui demonstrar o que é possível notar pelo simples ato de observação.

As cores das pinturas estão modificadas, assim como o piso – condições que alteram o conceito original, tornado tudo mais eclético, isto é, com mistura de conceitos visuais adversos que o povo inicialmente estranha e depois assimila.

Além disso, o neon exibe a mensagem principal evocativa da vitória do Arcanjo em luta com os anjos dissidentes do Paraíso, "Quem como Deus". Mensagem localizada sobre uma cruz acima do Altar-Mor e repetida nos ladrilhos do piso do corredor central da nave. O neon também é usado no contorno interno do nicho central de São Miguel e junto à representação de sua imagem na parede externa, convocando os fiéis à proteção do Arcanjo.

O jardim interno é convite à meditação – o padre Severino Cícero Ferreira transformou-o e deixou-o bem cuidado. A conservação continua sob ordens do Monsenhor João Bosco de Carvalho.

Conceitualmente, o templo resguarda em sua forma a transmissão de uma idéia de cultura religiosa, na qual um arquiteto (Prometheu da Silveira), provocado pelos monumentos modernizantes dos meados do século XX, soube criar para diferenciar a paisagem urbana piquetense no contexto conservador valeparaibano. E com a moldura estetizante dos picos das montanhas mantiqueiras engalanadas pelas muitas águas e matas.

****

Registrando a vida...

Com setembro chega a primavera. Com a primavera, os dias quentes e úmidos que já antecedem o calor ainda maior do verão... Para quem gosta de natureza, cachoeiras, Piquete oferece muitos atrativos. Uma ida ao bairro dos Marins, por exemplo, é recompensada com um refrescante mergulho no "Curiaco"... Ou você pode fazer uma "peregrinação" e, com tempo, ir parando nas cachoeiras do caminho... Ao final da tarde, subir caminhando (animam-se?) ou de carro (para os mais sedentários) a estrada Marins/Marmelópolis... É uma das mais belas vistas do Pico dos Marins... Inesquecível!

Foto JAF

Então... Mais interessante ainda é registrar esses passeios. A tecnologia atual permite a aquisição de máquinas digitais a preços acessíveis e os benefícios são muitos. A fotografia é apaixonante. Para os iniciados nesta arte, um passeio como o exemplificado acima deverá certamente ser seguido por um banho relaxante e horas avaliando as imagens capturadas pelas lentes. A escolha da melhor, os comentários sobre as poses – suas e dos amigos –, o orgulho de apresentar uma bela paisagem é sempre um exercício prazeroso. As imagens, hoje arquivadas em computadores, podem ser impressas para compor um porta-retratos, que servirá para enfeitar sua cabeceira ou como um delicado presente. Reúna os amigos para uma sessão de fotos e perceberá o alegre resultado... Reúna a família, registre os mais velhos, os mais novos, a reunião de domingo... Certamente, essas fotos se tornarão assunto de animadas conversas...

Vamos lá! Fotografe! Registre a natureza! Registre a vida!

Foto arquivo Pró-Memória

Fotos arquivo Pró-Memória

Paroquianos em frente à antiga Matriz de São Miguel, em 1900

A força da tradição

O fator cultural está na raiz da união de todas as comunidades humanas. Povos capazes de manter e preservar tradições e valores demonstram-se sempre muito fortes e tendem a perenizar-se com mais vigor que aqueles nos quais as tradições inexistem ou são mais frouxas. Daí a importância de ações continuadas de valorização de nossas tradições.

Todo mês de setembro, quando comemoramos nosso padroeiro São Miguel Arcanjo, reafirmamos essa importância. Apesar das mudanças que os tempos modernos inexoravelmente trazem, a força das tradições permanece e é ela o cimento que fortalece nossos laços de cidadania. Essa força vem desde a construção da antiga Capela de São Miguel, ainda no século 19. Sempre foi grande a participação dos fiéis nos trabalhos comunitários. Quando, no passado, ficamos por muitos anos sem vigário na paróquia, a fé e as tradições da comunidade foram mantidas devido ao empenho de homens e mulheres que devotaram parte de suas vidas não só a obras da Igreja, mas também a trabalhos sociais. É sempre bom lembrar os exemplos de José Vieira Soares, Zequinha Meirelles, Joaquim Sacristão, Joaquim Vaz, João Ramos, José Gomes de Souza, Zé das Moças, Leonor Guimarães, Mariquinha Ferreira, Nair Porfírio, Maria Lucas... São todos exemplos vivificantes de compromisso com a fé.

Atualmente, dentro do projeto de evangelização rumo ao Novo Milênio, a Igreja Católica reafirmou a importância do resgate e da preservação de nossa cultura popular, indo ao encontro de nossas raízes, pois o processo de evangelização só se dá com o diálogo entre o evangelizador e a comunidade portadora de cultura. Nesse intercâmbio, o Evangelho é acolhido no cotidiano da vida do povo, de modo que ele possa "expressar suas experiências de fé em sua própria cultura". A isso chamamos de "inculturação". É essencial, portanto, o resgate, em nossas festas populares, do lado popular folclórico – além das procissões, as quermesses com seus festeiros, leilões, bandas de música etc., pois esses eventos sempre fizeram parte da "alma piquetense".

AC

Fotos arquivo Pró-Memória

A tardança do que se espera

Pe. Fabrício Beckmann

Saudade é aquilo que nos toma quando conseguimos superar a entorpecência do dia-a-dia, que não nos deixa perceber a dor que nos causa a ausência do que já afetou nosso existir. Nesses momentos de lucidez, tomamos contato com nossa efemeridade. Há amigos com os quais já não podemos nos encontrar, pessoas que amamos e não sentem mais nosso bem-querer, perfumes e sorrisos que inauguraram nossos enamoramentos, arrebatando-nos, deixaram de ser importantes.

Sentimos saudades também de antigos hábitos, coisas muito simples. Tenho saudosa memória, por exemplo, dos tempos em que, sem dar-me conta, amanhecia em meu quarto, sentado diante de um livro ou uma folha de papel, na qual escrevia versos banais que terminavam quase sempre na lixeira. Eram madrugadas de sextas-feiras. A gritaria de homens que pareciam estar bêbados, os ruídos de um gato cortejador que se apossara do muro próximo à minha janela, o chilreio de grilos, o cantar de galos e, por fim, o grito do padeiro sempre rompiam o silêncio dessas madrugadas em Piquete, e as tornavam, ao menos para mim, extremamente familiares.

Disse um poeta argentino que *a saudade é a tardança daquilo que se espera*. Na memória de experiências prazerosas vividas habita uma profunda esperança de que a vida não seja enfadonha. Nos momentos mais angustiantes da vida, a saudade é um refúgio, uma prova de que os dias podem ser bons, afinal já foram experimentados assim; ainda que tardem, poderão ser bons.

A saudade é uma expressão da esperança; feliz quem, de tempos em tempos, se vê tomado por ela.

A Fundação Christiano Rosa saúda a comunidade católica piquetense no mês de seu padroeiro, São Miguel Arcanjo.